

EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

Desde que a educação se faz uma educação para ganhar a vista, o problema do mercado de trabalho se põe como a sua contrapartida. A educação escolar nada mais passa a ser do que um mecanismo de distribuição dos indivíduos pelas diferentes ocupações existentes na sociedade.

Desta sorte, cabe à escola educar em função das oportunidades de trabalho existentes. Toda vez que preparar homens e mulheres em demasia para certos tipos de ocupação, estará operando a desajustamentos; e mesmo se dá, quando não os preparar em número suficiente para oportunidades de trabalho realmente existentes.

A escola primária escapa a essa contingência, por se constituir a educação fundamental obrigatória para todo o brasileiro seja lá qual for o seu estágio na vida. Mas, já a escola média não pode ser a mesma para todos, ainda que todos, o que não é verdade, tivessem as mesmas aptidões. A sua diversificação se impõe pela diferença de aptidões dos seus alunos. Mas, não só por isto, sinão também pela diversificação de ocupações de nível médio. A escola secundária de tipo acadêmico e intelectualista não pode ser universalizada, ainda que isto fosse possível, porque importaria em preparar todos para certos tipos de ocupações, que nenhuma sociedade poderá ter em quantidade suficiente para absorver toda sua população. Com efeito, essa educação, a princípio mantida para os que não tinham uma vida a ganhar mas simplesmente a gozar, hoje constitui-se apenas mais um tipo de educação profissional. É a educação para certas ocupações de serviço, habitualmente de caráter público, ou a preparação para algumas das antigas profissões chamadas liberais.

Ora, se a todos passar a escola a dar esse tipo de educação, é evidente que não poderá a sociedade a todos absorver, resultando daí um excesso de educados desempregados, que, inevitavelmente farão pressão para obter do poder público a criação de lugares dispensáveis, afim de poderem ganhar a vida.

É isto um pouco o que se está dando entre nós. A transformação da escola secundária vai-se impôr, afim de poder a mesma oferecer a diversificação de educações que corresponde à diversificação de ocupações existentes numa sociedade em desenvolvimento.

Se o problema tem gravidade incontestável no nível médio, ainda mais sério é ele no nível superior. Com efeito, o número excessivo de educados do mesmo tipo no nível médio, quando não absorvidos pelo mercado de trabalho desse nível, provoca desajustamentos mas podem os mesmos ser resolvidos pela absorção em nível mais baixo de ocupações. No nível superior, já isto não se pode dar, sem traumatismo social muito mais grave.

Não estamos longe dessa contingência. Na realidade, a pressão dos diplomados pela escola secundária começa a se fazer sentir às portas das escolas superiores. Como as boas escolas não os podem a todos acolher, vêm-se criando, em improvisação cada vez mais crescente, escolas superiores para absorver o número excessivo dos alunos das escolas secundárias. Dado o fato de que tais escolas ainda não se transformaram, conservando em grande parte o seu velho caráter de escolas sem enderêço - não se esqueça que se destinavam a "educar" os ricos que não tivessem que ganhar a vida - empresta-se-lhes o enderêço propedêutico: preparam para as escolas superiores. Na realidade, não preparam nem para isto e daí se ter que inventar escolas superiores para acolher os seus diplomados sem rumo nem direção.

De qualquer modo, o problema começa a pôr-se de um excesso de diplomados de nível superior, que a sociedade não vem podendo absorver. Não é que sejam em número superior ao das necessidades nacionais. Não o são. O Brasil precisaria de ainda mais bacharéis, médicos, professores e engenheiros. Mas, ainda não pode pagá-los. Daí, o paradoxo da falta e do excesso simultâneos de profissionais de nível superior. Para sermos mais exatos, esclareçamos que tal não se daria se o nosso progresso fôsse uniforme. Na realidade, faltam-nos profissionais onde não podemos pagá-los e sobram-nos nos centros onde a sociedade já se acha em condições de sustentá-los.

Não nos será possível deixar de encarar o problema. A solução estará em limitar a criação de escolas superiores, por um lado, e, por outro, o de criar um subsídio para as zonas carentes de profissionais de nível superior, afim de que possam elas vir a custear os empregos necessários ao seu desenvolvimento. Não bastará, porém, apenas isto. Será também necessário variar e diversificar a preparação de nível superior, conforme veremos em nossa próxima palestra.

\*\*\*